

***História de Campina Grande* entre as letras e a política: a influência do lugar social e da instituição de saber na escrita de Elpídio de Almeida**

REGINA PAULA SILVA DA SILVEIRA *

“O que *fabrica* o historiador quando ‘faz história’? Para quem trabalha? Que produz?” (CERTEAU, 1982:56). Com esses questionamentos Certeau inicia sua reflexão sobre a *operação historiográfica*, na qual o autor mostra que um texto de história não é apenas uma narrativa dos acontecimentos passados, mas sim, um procedimento estratégico e político, na medida em que implica posicionamentos. Pois, para Certeau a escrita da história se faz a partir da articulação de um lugar sócio econômico, político e cultural, ou seja, é um jogo de pertencimentos e afastamentos. Nesse trabalho temos como objetivo refletir sobre a importância do Instituto Histórico Geográfico Paraibano – IHGP, como também do lugar social do intelectual Elpídio de Almeida em seu livro *História de Campina Grande*, buscando entender essa obra dentro desse jogo que fala Certeau, onde o historiador está inserido em um campo de forças, num jogo de lutas e de disputas.

Elpídio Josué de Almeida foi um dos personagens que participou ativamente da sociedade campinense entre as décadas de 1920 a 1970, Multifacetado, atuou como médico, político e historiador. Nasceu em Areia - PB, mas adotou Campina Grande - PB como sua cidade. O município o serviu de inspiração para diversos trabalhos, mas principalmente para a escrita de sua principal obra *História de Campina Grande* elaborada com o intuito de homenagear a cidade no seu primeiro centenário.

Almeida foi um importante intelectual campinense e *História de Campina Grande* é uma obra de referência, até hoje, para estudos sobre a cidade. No entanto, ao analisá-la percebemos que se faz necessário levantar algumas perguntas sobre a obra, o que Almeida quis produzir nesse livro, ou melhor, que cidade ele quis produzir? Que instituição de saber fomenta suas ideias? Essas perguntas são pertinentes na medida em que constatamos em seu livro passagens como essa:

* Mestranda em História pelo programa de Pós-Graduação em História e Espaços da UFRN, orientada pela Professora Dr. Margarida Maria Dias de Oliveira e bolsista de Demanda Social CAPES.

Foi um movimento sedicioso sem idealismo, selvático, sem orientadores conhecidos, sem chefes descobertos e responsáveis. Grupos de camponeses ignaros, a que se iam se agregando desajustados e criminosos, saíram a invadir povoações, vilas e cidades, soltando presos, perseguindo maçons, tomando dinheiro, ameaçando, destruindo pesos e medidas, incendiando os arquivos públicos (ALMEIDA, 1978:147).

Esse é o primeiro parágrafo do capítulo que Almeida dedicou ao movimento dos Quebra-Quilos, um movimento de populares que não entendiam as imposições do governo para o uso do então novo sistema métrico decimal. É com seu repúdio a esse movimento de pessoas simples, que Almeida mostra seu lugar social de filho da elite canvieira paraibana, membro de uma instituição de saber (IHGP) que congrega a elite intelectual do estado, ex-dirigente do município, médico de renome.

Em contrapartida a esse movimento, que segundo Almeida não teve lógica alguma para acontecer, por não ter sido organizado a partir de questões políticas e ideológicas o historiador dedica três capítulos de seu livro para a Revolução Pernambucana, a Confederação do Equador e para a Revolução Praieira.

Porque em um livro sobre a história de Campina Grande estão citadas três revoluções que aconteceram em Pernambuco? A não ser pelo fato todos esses movimentos serem liderados pela elite intelectual do Recife e que tinham cunho liberal e separatista, que para Almeida, são fatores que mereciam ser vistos como exemplo, pois tinham um ideal “maior” a ser alcançado, diferentemente dos Quebra-Quilos que “apenas” reivindicavam melhorias pra vida dos pobres (SILVEIRA, 2011). Afinal, como nos aponta Certeau, todo escrito de história é uma interpretação, que depende de um sistema de referência e vem carregado de uma filosofia implícita, que é particular, subjetiva do autor, o *não dito* (CERTEAU, 1982:58).

Essa visão de Almeida esta inserida a um movimento de produzir uma história linear, onde a elite governa (pois é seu lugar “natural”) e as camadas mais pobres da sociedade apenas seguem suas vidas sem questionar sua posição de submissão, é uma história que traduz um ideal da elite e que tem raízes profundas que ecoam até os nossos dias. Esse ideário da cidade não é reafirmado à toa, no caso de Elpídio de Almeida, fica claro sua escrita

intencionada, privilegiando alguns grupos em detrimento de outros, mostrando seu lugar social.

Como nos mostra Dias (1996), até hoje essa história contada por Almeida e outros escritores da historiografia tradicional, é a que a maior parte da população sabe, pois ela é reproduzida em discursos políticos, músicas, versos, e até mesmo em muitas das aulas de História².

Toda pesquisa histórica tem articulação com um lugar de produção sócio econômico, político e social, e esse lugar tem influências diretas na escrita do historiador que “está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade.” (CERTEAU, 1982:57). Assim vemos que a instituição que fomenta cada historiador tem papel crucial em sua escrita, pois é ela que cede as bases teórico-metodológicas e política para o historiador.

Desta forma entendemos que “é, pois, impossível analisar o discurso histórico independente da instituição em função do qual ele se organiza silenciosamente” (CERTEAU, 1982:63). Por isso, vamos discutir nesse trabalho a influência do IHGP e do lugar socioeconômico de Almeida em sua escrita, pois partimos do princípio que o fazer história se fundamenta na articulação de um lugar social, de uma prática científica e de uma escrita, indissociavelmente.

TRADIÇÃO E PODER: O INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO PARAIBANO E SUA INFLUÊNCIA NA HISTORIOGRAFIA LOCAL

² Segundo Margarida Maria Dias a visão de história que predomina na sociedade paraibana ainda é essa da historiografia tradicional, pois os estudos acadêmicos a pesar de criticar esse tipo de escrita não tem o alcance e influência que os escritores da historia tradicional tem. Essa facilidade de interação com a sociedade se deve principalmente pela interlocução com as escolas, via caminhos institucionais que produzem material didático que perpetuam essa memória que além de ser factual e de heróis, é mitificada e sem sujeito, a não ser os “grandes sujeitos” nos “grandes momentos”. Ou seja, uma História monumento, pensada e escrita para ser contemplada e não criticada. In: DIAS, Margarida Maria Santos. **Intrépida AB Origine: O IHGP e a produção da História local (1905 – 1930)**. João Pessoa: Almeida Gráfica e Editora Ltda., 1996, p. 23.

Em 1905, nasce o IHGP, que vai se tornar um importante espaço intelectual paraibano da primeira metade do século XX, e que nasceu com o objetivo de ter uma história da Paraíba escrita pelos paraibanos, como está descrito no livro *A história do IHGP*:

O Instituto Histórico e Geográfico Paraibano é a mais antiga instituição cultural da Paraíba em funcionamento. São 92 anos [...]. Antes o Instituto – esclareceu o historiador Celso Mariz [...] “o que dizia sobre a nossa terra estava espelhado em Rocha Pita, em Frei Vicente Salvador, em Jaboatão, em Aires Casal, em Southey, em Leopoldo Vieira, em Varnhagen. Tudo disperso e pouco. (GUIMARÃES, 1998:20).

Desta forma, o instituto lançou as bases da historiografia do estado, estabelecendo como deveria ser contada a história local, ressaltando, sempre, a grandeza do estado e de seu povo. Com um claro sentimento de vanguarda, iniciou-se a elaboração da história da Paraíba de forma mais abrangente e sistemática do que vinha sendo feito. Era preciso construir um passado com características, fatos e personagens particulares do local, para tanto nos primeiros anos do IHGP seus membros fizeram um enorme esforço para mapear e coligir documentos sobre o estado que dessem evidência a essas peculiaridades, criando uma identidade paraibana.

Essa historiografia tradicional do estado começou a ser criticada a partir de 1976 com a implantação do Núcleo de Documentação e Informação Histórica e Regional (NDIHR), ligado a UFPB, que nasceu com o objetivo de se contrapor a história produzida pelo IHGP. A partir de então se iniciou uma nova fase na historiografia paraibana, que buscava produzir um conhecimento mais crítico sobre a história do estado.

A História produzida pelo IHGP dá ênfase a uma história factual, descritiva, que narra o fato por si mesmo e pretende criar uma história oficial chegando o mais próximo da verdade, onde alguns homens são escolhidos para “entrarem” na história, para serem “grandes” e tidos muitas vezes como heróis e condutores da história, o mesmo acontece com os fatos Históricos. Ou seja, é uma historiografia dedicada aos grandes nomes, feitos e monumentos, escrita para contemplação e não para o engajamento (DIAS, 1996:24).

A história produzida pelo IHGP não se filiava a uma linha teórico-metodológica definida, mas incorporava algumas vezes os preceitos positivistas, como nos mostra Dias:

Sem uma linha teórica definida, essa publicação atendia, como dito anteriormente, ao objetivo maior do IHGP que era a escrita da história da Paraíba, pelos paraibanos. Se podemos apontar preocupações em alguns conferencistas e/ ou escritores ligados à escola positivista, em outros, é a crônica ou a reminiscência que podemos detectar. A união proporcionada em torno do IHGP se dava por interesses bem locais e de ação e não de caráter teórico-metodológico, ou, pelo menos, não era por esse caminho que se davam as divergências. (1996:49).

Assim percebemos que a produção historiográfica proveniente do IHGP estava mais ligada a conjuntura política, econômica e social do estado que tinha a necessidade de construir uma história edificada em fatos e personagens que ressaltasse a República. Para tanto, eles definiram um calendário Cívico “que inclui as datas de 05 de agosto de 1585, as lutas de resistências às invasões holandesas, a Revolução de 1817 e a proclamação da República, como se todas as datas anteriores fossem um caminho para a última. (OLIVEIRA, 2011:45).

O tipo de escrita da história do IHGP fundamenta-se nas concepções políticas e ideológicas de sua *Célula Mater*, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB. Esse foi criado em 1838 no Rio de Janeiro com o dever de criar uma História para o Brasil. História essa que deveria olhar o passado ressaltar e solidificar os mitos de criação, forjando um passado de glória através de personagens e fatos (SCHWARCZ, 1993:99).

O IHGB foi criado durante o processo de consolidação do Estado nacional brasileiro e tinha com projeto principal construir uma história oficial para o Brasil, separada da de Portugal. Para tanto era preciso gerir uma identidade própria, que se reconhecia continuadora da tarefa de civilizadora iniciada pelos portugueses. Essa construção da “Nação” brasileira primeiro foi entregue a um restrito grupo de letrados que traziam uma forte marca excludente e repleta de imagens preconceituosas do “outro” (negros e índios), assim esta historiografia define aqueles que ficaram excluídos do projeto de “Nação” (GUIMARÃES, 1982:7).

Para Guimarães, o projeto intelectual do IHGB era claramente centralista, bem articulado aos interesses da elite e as questões políticas, econômicas e sociais desse contexto. A partir dessa articulação o autor percebeu o porquê de determinadas temáticas presentes nos estudos dessa instituição, que serviam para viabilizar a nova ordem que estava emergindo no país (1982:7).

Ainda segundo Guimarães a concepção de história do instituto tinha um nítido sentido teleológico, ou seja, para eles a história era linear, tinha começo, meio e fim e era tida como “mestra da vida”. Seguindo os princípios da moderna historiografia, que dizia que as fontes primárias tinham extrema importância para o trabalho do historiador, os integrantes do IHGB se lançam a campo para localizar as fontes que para eles eram imprescindíveis pra a história do Brasil (1988).

Além dessas questões, nessa época “pensar a história articula-se num quadro mais amplo, no qual a discussão da questão nacional ocupa uma posição de destaque. Assim a tarefa de disciplinarização da história guarda íntimas relações com os temas que permeiam o debate em torno do nacional.” (GUIMARÃES, 1988:5). Isto é, é uma história voltada para o engrandecimento nacional, que se pretendia em seu discurso unir o povo a um objetivo, através da exaltação de um passado que pretendia construir um futuro.

Para a elite intelectual Brasileira a história era o meio indispensável para formação da nacionalidade, pois ela legitimava o presente, através do passado, colocando uma ordem nas grandes diferenças que constituíam a formação da sociedade brasileira. Para essa construção do passado, o IHGB tinha o projeto de inserir a gênese da nação dentro de uma tradição de civilização e progresso.

Como nos diz Janotti, em seu artigo sobre os historiadores do início da República³, essa é uma época de comprometimento dos historiadores em gerar uma história para o Brasil, história essa que vai ser moldada pelo IHGB, que a pesar de ter uma proposta de retratar esse novo país numa ótica antilusitana através de um rigor metódico, vai se tornar um “reduto monarquista, onde eventualmente era permitida a presença republicana” (2003:123).

Desta forma o Brasil foi ganhando um passado através do IHGB, no entanto era preciso expandir esse exemplo pioneiro para todo o país, e assim foram sendo criados institutos históricos em cada estado, e esses ficavam com a responsabilidade de garantir uma especificidade regional e buscar alcançar certa hegemonia cultural (SCHWARCZ, 1993:100).

³ O artigo faz parte da coletânea *Historiografia Brasileira em Perspectiva*.

A partir do exposto percebemos que não tem como entender a historiografia paraibana sem se remeter ao Instituto Histórico e Geográfico Paraibano uma vez que essa instituição fundou a história oficial do estado. Assim, é imprescindível para nossa pesquisa entender qual o projeto de história dessa agremiação. É importante perceber também que esse instituto faz parte de um projeto de construção de uma identidade para a Nação, através de seu passado, projeto encabeçado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que foi o primeiro instituto do país e que cedeu as bases para a criação dos institutos locais.

O IHGP foi criado e buscou ao máximo seguir sua missão, lançou as bases da historiografia paraibana, fato que gostam de ressaltar, pois se colocam como um marco de ruptura entre uma Paraíba sem história para uma com história e escrita pelos paraibanos (DIAS, 1996:23). Essa história escrita pelo IHGP queria ressaltar a grandeza do estado e de seu povo. Com um claro sentimento de vanguarda, iniciou-se a elaboração da história da Paraíba de forma mais abrangente e sistemática do que vinha sendo feito, além da localização e catalogação de fontes, cadastramento de arquivos etc. que servissem para glorificar o passado paraibano.

Elpídio de Almeida se associou ao IHGP em meados da década de 1930 e sua vinculação a essa instituição foi fundante em sua formação enquanto historiador, pois foi ali que ele aprendeu todo *metier* de um historiador e onde ele começou a pesquisa que culminaria em sua principal obra, *História de Campina Grande*.

“HISTÓRIA DE CAMPINA GRANDE”: AQUI ELPÍDIO DE ALMEIDA CONTA SUA HISTÓRIA

1962 é um ano importante para Elpídio de Almeida, nele é lançado o seu livro, *História de Campina Grande*, que foi editado pela Livraria Pedrosa⁴ e impresso no Recife.

4 A Livraria Pedrosa foi a principal livraria de Campina Grande de 1953 a 1994, era um espaço frequentado pelos grandes “formadores de opinião” da cidade. Foi lá que se iniciou a tradição do provimento da cultura literária. As dependências da Livraria Pedrosa foi palco do lançamento de obras de grandes mestres da literatura local, regional e nacional. Cf. Site: **Retalhos Históricos de Campina Grande**. Disponível em:

São 424 páginas divididas em 32 capítulos, que contemplam a história da cidade desde a sua origem até 1930. Acreditamos que Almeida despertou seu interesse de escrever esse livro ao ter contato com a vasta documentação que o IHGP e ele reuniram.

Almeida fazia questão de vincular seu nome ao do IHGP, tanto é que logo na capa seu nome está assim: “Elpídio de Almeida (do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano)”. Pertencer ao IHGP primeiro mostra a seus leitores o quão erudito é o autor, pois, em uma sociedade praticamente analfabeta, pertencer a um instituto como esse significa status de homem das letras, se inserindo, de vez, no restrito grupo de letrados do estado, pois, como nos aponta Certeau “o público não é o verdadeiro destinatário do livro de história uma obra é menos cotada por seus compradores do que por seus ‘pares’ e seus ‘colegas” (1982:63).

Almeida sabia que precisava ser reconhecido pelos seus pares como historiador, por isso fazia questão de ter seu nome vinculado ao IHGP, à instituição do saber na época, pois esse reconhecimento se fazia dentro de um campo de lutas. Desta forma, como os membros do IHGP estavam escrevendo a História dos municípios do estado, Almeida decidiu escrever a história de Campina, primeiro para homenagear a cidade que em 1964 fizera cem anos e também para entrar nesse movimento de escrita da história da Paraíba pelos paraibanos.

Almeida ao escrever seu livro tem todo o cuidado em traçar um perfil de glória para Campina Grande, ressaltando sempre a importância e a grandiosidade desta terra. Esses aspectos podem ser vistos já na disposição dos capítulos onde Almeida quis mostrar a evolução da cidade, mas ressaltando desde as primeiras linhas que Campina Grande estava fadada ao sucesso. Desde sua fundação a cidade mostrava uma espécie de *destino manifesto*, guardada suas devidas proporções, pois da forma que Almeida constrói seu texto dá a impressão que a cidade foi designada, por uma força superior a ser magnificente, mas essa descrição não podia ser diferente, já que escrever a história na época em que o autor o fez significa dá a Paraíba um passado de glória.

“O qualificativo de – grande –, que tem esta cidade, tem sido até hoje somente uma aspiração; faz-se preciso que a nossa administração municipal o torne uma realidade,

empregando todos os meios ao seu alcance.” (JOFFILY apud AGRA: 2007:1). Esse trecho retirado do jornal *A Gazeta do Sertão* de 1889, nos mostra a articulação das elites de Campina Grande em construir a imagem de Campina como uma cidade grande, moderna, progressista, civilizada. Essa construção da imagem da cidade perdurou ao longo de todo o século XX, através de músicas, de discursos políticos, da literatura e principalmente através da seleção de momentos da sua história que comprovem a grandiosidade da cidade (AGRA, 2007:1-20).

Elpídio de Almeida faz parte desse movimento, isso fica claro na medida em que encontramos em seu livro passagens que contém discursos de exaltação da cidade, e isso não podia ser diferente, *História de Campina Grande* foi produzida para homenagear a cidade em seu centenário, como ele expos em seu livro:

Impunha-se a elaboração dêste trabalho, sem mira a prêmio ou ajuda oficial, como contribuição espontânea às festividades do 1º centenário da cidade, a comemorar-se em 11 de outubro de 1964. Como realizá-las com afeição e ufania sem um caderno descritivo de seu passado? Sem um depoimento exato sobre os homens que a fundaram? Sem uma narrativa dos principais sucessos ocorridos em seu território, desde o tempo da fundação da aldeia, velha de três séculos? Aparece esta publicação área evitar a falha” (ALMEIDA, 1978:11)

Esse livro é só uma das várias homenagens que Campina recebe na época. O centenário foi grandioso, tal qual sua aniversariante, de modo que foi aprovada uma lei que criava uma *Comissão do Centenário* para organizar a festa, como podemos ver no trecho abaixo:

Está sendo aguardada pelos círculos mais interessados no progresso de Campina Grande a designação, pelo prefeito, da Comissão Central do Centenário, em conformidade com a lei recentemente aprovada pela Câmara de Vereadores.

Cremos que a primeira medida a tomar seria a solicitação, por parte da prefeitura, às entidades que deveram fazer-se representar na aludida Comissão, de três nomes dentre os quais o Prefeito escolheria um deles a fim de integrar o órgão central. [...]

Na esperança do atendimento de Vossa Excelência, subscrevo-nos:

Pelo “GRUPO CAMPINENSE DE ESTUDOS”

Elpídio de Almeida – Médico, Historiad., Ex-Prefeito

Atila Almeida – Professor Universitário

Everaldo Lopes – Médico

Antonio Lucena – Advogado

Noaldo Dantas – Jornalista (GAZETA CAMPINENSE, 1961, n.62)

Assim, vemos que a cidade estava se preparando para o “grande” dia de 11 de outubro de 1964, essa era uma data ideal para exaltar a “Rainha da Borborema”. O centenário tinha grande valor simbólico para as elites locais, pois, era um grande marco e momento oportuno para grandiosidade da cidade e por em prática de forma mais efetiva o projeto que Irineu Jofilly falava de transformar de vez Campina em uma cidade grande. Vemos assim que não foi Elpídio de Almeida não estava só nessa empreitada, sua obra era apenas uma em meio a uma avalanche de homenagens a Campina Grande. Sousa aponta as contradições desse discurso de grandiosidade

Nos anos de 1960, como nas décadas seguintes, memorialistas, instituições administrativas e moradores vão retomar insistentemente as décadas de 1930 e 1940 e certos personagens para explicar os maiores e mais marcantes sucessos ocorridos na cidade, o que faz com que este período da sua história seja recorrentemente em uma certa memória e que sua marcas assumam uma dimensão quase mítica, embora ambígua (SOUSA, 2006:187).

Almeida participa do projeto de construção da Campina “Grande” exaltando alguns personagens e acontecimentos, uma das figuras que o autor exalta em seu livro é a de Teodósio Oliveira Ledo, homem que fundou a cidade. A forma com que o autor articula seus argumentos cria uma imagem de Teodósio de Oliveira Ledo como uma figura grandiosa, “Desbravador infatigável”, que encontrou em suas andanças pelo território da Paraíba uma terra fadada ao sucesso, como podemos ver no trecho que segue:

“Não foi difícil a Teodósio dar desenvolvimento ao núcleo iniciado com o grupo dos Ariús. Dadas as condições favoráveis do sítio, a amenidade do clima, a existência de matas, a natureza do solo e, principalmente, a sua localização, ponto de passagem preferido nas comunicações entre o sertão e o litoral, cedo conseguiu atrair parentes, colonos brancos, índios mansos, com o que assegurou a prosperidade do lugar.” (ALMEIDA, 1978:37-38).

Seguindo os preceitos do IHGP em *História de Campina Grande*, não podia deixar de ter o registro de uma figura importante, como foi o fundador de Campina, Almeida constrói a imagem de uma cidade que é grandiosa em tudo, desde seu fundador, que viu as potencialidades da terra que encontrou e resolveu criar uma vila no local. Vila essa que vai se tornar a “maior” cidade do interior nordestino.

A exaltação da figura de Teodósio por Elpídio de Almeida ajuda a reafirmar mitos de origem que segundo Araújo nascem a partir das narrativas que são inventadas e imaginadas a partir do resgate de um passado remoto, que é resignificado a partir das práticas de escritores, como Almeida, que criam um passado glorificado que não existia (ARAÚJO, 2008:28).

Essa construção de Almeida reafirma ainda mais o argumento das elites locais (políticos, intelectuais, religiosos, comerciantes, jornalistas, entre outros) que pretendiam que Campina fosse vista como grande, moderna, civilizada, assim como as grandes capitais do Brasil (Recife, Rio de Janeiro, por exemplo.). Desta forma, entendemos que Almeida une os preceitos teórico-metodológicos do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano com as aspirações da elite campinense em efetivar a grandiosidade de Campina Grande.

E nessa cidade utópica não cabem pessoas que a “enfeiam”, que fazem “badernas” tirando o sossego dos “homens de bem”, que “manchem a reputação” das senhoras e senhoritas da cidade. Campina Grande para Almeida é uma cidade cujos homens lutam por grandes ideais. É uma cidade que está fadada ao sucesso desde seu surgimento. E é essa cidade criada por Elpídio e por tantos outros letrados que esta no imaginário das pessoas até hoje, e que pelo jeito vai ser mantida por muito tempo, pois em um lugar que não tem problemas (como é a Campina “Grande” dos discursos oficiais) não precisa de mudanças, e é assim que as elites vão se mantendo no poder perpetuamente, ou até que alguns “desordeiros” (como foram os “Quebra-Quilos”) consigam quebrar esse mito da “Rainha da Borborema”⁵.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta perspectiva, gostaria de mostrar que a operação histórica se refere à combinação de um lugar social, de práticas “científicas” e de uma escrita. (Michel de Certeau).

Como aponta a epígrafe, a escrita da história não pode ser entendida sem que se leve em consideração o corpo social e a instituição de saber a qual o Historiador está vinculado.

⁵ Campina Grande também é conhecida como a “Rainha da Borborema”.

Fazer história é atribuir significados, sentidos⁶ para o amontoado de documentos que o Historiador necessita em seu *metier*, o que o historiador conta faz parte de suas escolhas, ou seja, para se contar uma história é preciso silenciar outras. É o historiador quem decide o que entra para a história e o que fica esquecido na poeira do tempo, pois um acontecimento não é história porque aconteceu e nós contamos, é justamente o contrário, aconteceu porque foi contado (AGRA DO Ó, 2004).

Buscamos argumentar nessas páginas que o pertencimento de Elpídio de Almeida ao IHGP e a elite intelectual, política e econômica da Paraíba é fundante para entendermos a sua obra. Pois, sua escrita provem de sua inclinação política, filosófica e do seu lugar social. Sendo assim, o fato de Almeida ser membro da elite paraibana que trazia consigo traços do coronelismo por ser filho de senhor de Engenho e comerciante, católico, político, letrado. Tudo isso implica em concepções de mundo que são expressas em suas ações, e em suas palavras.

Percebemos que Elpídio de Almeida se preocupa em contar uma história oficial para a cidade, fato que estava na ordem do dia nas preocupações dos letrados, isso muito por conta da influência do IHGP. Como podemos ver no trecho abaixo:

Têm surgido ultimamente livros sobre a história de municípios paraibanos. Primeiramente o de Horácio de Almeida, sobre Areia; depois o de Wilson Seixas, sobre Pombal; agora este; outros estão em preparo. A reunião de todos facilitará o trabalho de quem se propuser a escrever a história geral da Paraíba (ALMEIDA, 1978:11).

O IHGP é de fundamental importância para Almeida, pois é o instituto que dá as bases historiográficas, ou seja, os instrumentos necessários para o historiador escrever. Percebemos que Elpídio de Almeida ao se associar no IHGP se depara com uma extensa documentação sobre a Paraíba a partir desse contato com as fontes e a aproximação do centenário de Campina Grande o historiador decide escrever um livro contando a história do município, e inicia uma longa pesquisa que culmina com *História de Campina Grande*.

⁶ Para Certeau a narrativa histórica é uma interpretação, pois é uma intervenção do historiador e para que essa versão da história seja entendida é preciso entender todo o sistema de referências que o cerca.

No contexto em que foi gestado o livro, Campina Grande estava passando por um período de grandes mudanças e de tensões sociais que essas traziam. Elpídio de Almeida ao vivenciar esses acontecimentos refletiu para obra os seus medos e anseios, fato normal na escrita. É a partir dessas questões que Elpídio de Almeida fez sua História de Campina Grande, exorcizando seus medos através da “demonização” de certos acontecimentos e o silenciamento de outros, garantindo assim a manutenção do poder das elites locais.

REFERÊNCIAS

Fontes

ALMEIDA, Elpídio de. **História de Campina Grande**. 2ª ed. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1978.

_____. D. Pedro II na Paraíba. **Gazeta Campinense**, nº 62 do ano II, Campina Grande: 28/05/1961, p. 6.

_____. A Paraíba em Meados do Século Passado. **Revista do IHGP**. Vol. 14. João Pessoa: 1961, p. 113-116.

GAZETA CAMPINENSE, nº 62 do ano II de 28 de maio de 1961.

Bibliografia

ARAÚJO, George Gomes de. **A Aldeia pagã e batizada: as tradições na fundação de Campina Grande (1665 a 1702)**. Especialização em Historiografia e Ensino de História. Campina Grande: UFCG, 2008,

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DIAS, Margarida Maria Santos. **Intrépida AB Origine: O IHGP e a produção da História local (1905 – 1930)**. João Pessoa: Almeida Gráfica e Editora Ltda., 1996.

AGRA, Giscard Farias. **Urbs doente medicada: a higiene construindo Campina G(g)rande, 1877 a 1935**. In: XXIV Simpósio Nacional de História: História e Multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos. UNISINOS, 2007. Disponível em: < <http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Giscard%20Farias%20Agra.pdf>>. Acesso em: 26/07/2012, às 14h37min.

AGRA DO Ó, Alarcon. **Michel de Certeau e a “Operação Historiográfica”**. Veredas FAVIP. Vol. 1, n. 2. Caruaru, jul./dez. 2004, p. 48-56.

FREITAS, Marcos Cezar (Org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2003.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. **Nação e Civilização nos Trópicos: O instituto Histórico e geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História nacional**. Estudos Históricos, n. 1, 1982.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias. **Paraíba: “heroica desde dos primórdios”**. In: Patrimônio e Memória. V. 7, n. 1. UNESP – FCLAs – CEDAP, p. 38-53, jun. 2011. Disponível em: < <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/73/73>> Acesso em: 10/01/2013.

REIS, José Carlos. A Escola Metódica, dita “Positivista”. In: **A História entre a Filosofia e a Ciência**. 3ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SÁ, Ariane Norma de Menezes e MARIANO, Serioja (Orgs). **Histórias da Paraíba: autores e análises historiográficas sobre o século XIX**. João Pessoa: ed.Universitária/ UFPB, 2003

SILVEIRA, Regina Paula Silva da. **Exorcizando medos em campina Grande: Elpídio de Almeida e sua História da cidade**. Bacharelado em História. Campina Grande: UFCG, 2011.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de. **Territórios de Confrontos: Campina Grande 1920-1945**. Campina Grande: EDUFPG, 2006.